

CLÁUDIA MUGUET

UM
TEMPERO
PARA O
AMOR

A heart shape formed by two chili peppers, one on the left and one on the right, with their stems meeting at the top and bottom to create the heart's outline. The peppers are dark and have a glossy texture.

Os personagens e eventos deste livro são fictícios ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência e não pretendida pela autora.

Copyright © Cláudia Muguét 2021 – cmuguetautora@gmail.com

Todos os direitos desta obra são exclusivos da autora.

Salvo em caso de um pequeno trecho para resenha, é expressamente proibida a distribuição ou cópia, parcial ou total, por meio eletrônico ou impresso, deste livro.

Revisão/preparação de texto: Vânia Nunes

Capa: Denis Lenzi

A autora reconhece o status de TM aos donos das marcas citadas no livro.

Dedicatória

"O mundo bate como ninguém e ele quer te ver prostrado no chão, mas o que faz alguém ser um campeão, um vencedor, é a quantidade de socos que ela recebe e, mesmo assim, continua de pé."

Filme Rock, o lutador.

Escrever um livro que retrata a realidade de muitos brasileiros foi um privilégio, e estar inclusa em boa parte dele é uma forma de demonstrar que nem sempre a trajetória para alcançarmos nosso sonho será fácil, mas valerá a pena quando chegarmos lá. No entanto, é importante manter a caminhada, mesmo que os “socos” tentem nos impedir de chegar ao fim da jornada. São eles que nos tornam fortes e persistentes.

Somos brasileiros e não desistimos nunca! Mas quem disse que seria fácil? Por isso, dedico este livro a todos que são incansáveis na busca de seu sonho e acreditam que é possível torná-lo real. E pode acreditar... É POSSÍVEL!

*Clăudia
Muguet*



Autora

Prólogo

Esta frase: *Somos brasileiros e não desistimos nunca* é pura balela. Qual o brasileiro que não desistiu de seus projetos por falta de dinheiro e incentivo? Qual o brasileiro que nunca desistiu de investir em algo próprio? Ou, até mesmo de sonhar por que seus sonhos são caros? Sem contar que a cada vez que abrimos os nossos olhos, desistimos de permanecer em nossa cama e somos obrigados a enfrentar mais um dia na selva da vida. É isso aí, meu povo e minha pova! Eu sou brasileira e se pudesse e tivesse um pichulé a mais, caía fora dessa canoa furada chamada Brasil.

Nasci na Zona Norte do Rio de Janeiro, mais precisamente no Méier. Isso mesmo, o mesmo Méier da série *Vai que Cola* e é literalmente assim que vivo, talvez essa poderia ser a minha frase de efeito, “Vai que cola”, e assim, me daria bem como a maioria dos políticos brasileiros, mas essa não é a minha índole.

Sou mais uma entre os milhões de desempregados do Brasil e faço parte dessa estatística que vem crescendo cada vez mais, e como todo bom brasileiro dou meu jeito de sobreviver. Se hoje fosse fazer um curriculum para uma grande empresa, teria que descrever minhas funções, e com maestria colocaria todas as que venho exercendo nesse tempo de crise: Revendedora *Avon*, *Natura*, *Jequiti*, *O Boticário* e *Rommanel*, revendedora de roupas, biquínis, *lingeries* e acessórios, tudo de Petrópolis e Nova Friburgo. Sem contar que faço os salgados, doces e assados para o buffet que minha irmã, Melinda, e meu cunhado, Samuel, montaram.

Tá difícil viver assim, mas tenho um lema: *Ou mato a vida ou ela me mata*, e antes que ela me mate, tento mostrar que sou mais esperta e dou uma rasteira nela antes que ela faça isso.

Dizem que brasileiro é um povo criativo, outra mentira, brasileiro é sobrevivente desde que Cabral – não o ex-governador e sim, o descobridor, que no fundo são parentes bem próximos, já que um roubou nossas riquezas e o outro... Bom, deixa quieto, não vamos entrar no mérito da questão – descobriu o Brasil. Como dizia, brasileiro é sobrevivente e se vira para conseguir se sustentar e pagar em dia ou com atraso, que é o meu caso, seu carnê das *Casas Bahia* e ter o prazer de fazer seu churrasquinho no final de semana.

Para sobreviver, cria as mais inusitadas profissões e começa a fazer de tudo um pouco, desde vender ovo que a galinha chorou, por dez reais a cartela com trinta ovos, a marido de aluguel, tipo um faz-tudo para maridos preguiçosos, e como faço parte desse seleto grupo, hoje

estou aqui com uma cesta de salgadinhos fazendo entregas no comércio da região e espero chegar no final do dia com ao menos o dinheiro do aluguel.

Bom, como não me apresentei ainda, vou fazer e espero que não riam do meu nome, afinal, ter pais que adoram personagens de filmes que marcaram suas vidas é estranho. Eles assistiram no cinema juntos *Ghost, Do outro lado da vida*, e fui a selecionada ao privilégio de ganhar o nome da personagem principal, *Molly Jensen*, que foi interpretada por Demi Moore. Me chamo Molly Amaro de Oliveira, e como podem imaginar sofri *bullying* durante todos os meus anos escolares, mas o pior foi no Ensino Médio.

Lembro-me até hoje do idiota: Otávio Albuquerque, um garoto metido a *bad boy* que se achava a última *Coca-Cola* do deserto e fazia da minha vida um inferno. Ele e seu grupinho faziam questão de me envergonhar quando me viam e o que mais gostavam de fazer era me expor quando estávamos no intervalo, com todas as turmas no pátio; esperavam que todos estivessem distraídos e eu aparecesse, fazendo questão de usar suas célebres piadas sem graça: *Molly... quando que você vai ficar dura?*; ou, *hoje você está Molly, Molly*; sem contar na piada matinal: *hoje acordei Molly, Molly* e caíam na gargalhada. Que ódio desse garoto!! Minha raiva por ele foi tanta que preparei um composto que denominei Coquetel da Vingança, ou CV, e tive o prazer de me aproximar da mesa onde o bando se sentava e derramar no alto da sua cabeça uma mistura de tintas, detergente, óleo, água suja da privada e bosta do meu gato Fred, e o melhor de tudo foi o susto que ele tomou. Respingou em todos que estavam na mesa. Tá certo que fui levada à direção, mas valeu a pena.

Mas voltando à atualidade, quero esclarecer alguns fatos importantes para que não pensem que sou uma mulher sem instrução. Me formei em Gastronomia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Isso mesmo, passei por um vestibular e ingressei na UFRJ um ano depois de ter terminado o Ensino Médio, me formei com uma proposta de trabalho num restaurante na Barra da Tijuca.

Trabalhei por três anos, mas, infelizmente fui demitida para dar lugar ao sobrinho do dono, que também se formou em Gastronomia e iria assumir a cozinha. Depois disso, trabalhei numa franquia importante de massas; depois, numa rede de comida a quilo e, por fim, desempregada.

Sou uma pessoa que não desiste e mesmo trabalhando com tudo isso que falei, ainda aceito algumas encomendas para festas e tenho recebido muitas propostas, mas nenhuma ainda me interessou. Sei que tudo isso é uma fase e que vou dar a volta por cima e mostrar todo o meu potencial. Só espero que não demore muito porque as contas não esperam.

Capítulo 1

Molly

O Rio de Janeiro amanheceu com um sol de rachar qualquer quengo e tenho que ir a Madureira comprar alguns utensílios que estão faltando em casa. Faz pouco mais de um mês que aluguei uma quitinete próximo à rua Dias da Cruz e isso facilita muito a minha vida, já que tenho que ir a vários lugares. Sempre morei com meus pais em Madureira, mas depois que me formei, comecei a ter meu próprio canto. A princípio, aluguei um apartamento na Tijuca onde morei por três anos; com o desemprego, me mudei para Vila Isabel; depois, para Riachuelo e, agora, estou no Méier, e se as coisas não se arrumarem, talvez morarei embaixo da ponte, isso se achar vaga.

Pego o trem, desço na estação do Mercado e estou em casa. Com cem reais na carteira me sinto “a milionária”. A primeira loja que entro é de utensílios com procedência duvidosa, mas é o que posso comprar, então... Pego uma cestinha, começo a encher com o que preciso. Vasilhas de três tamanhos por dez e noventa e nove; jogo com três colheres de pau por cinco e noventa e nove; escorredor de prato por quinze e noventa, e assim vai. Saio de lá e vou para outra, e quando dou por mim só tenho um real na mão e meu bilhete único para voltar para casa, mas satisfeita com as compras que fiz.

Chego em casa deixando o sapato pelo caminho e indo direto para a minúscula cozinha deixar tudo o que comprei. Lavo e organizo tudo nos seus devidos lugares e vou tomar um banho, afinal, passar o dia todo na rua, e depois voltar com o trem cheio foi exaustivo, sem contar com a poeira em meu corpo. Visto um shortinho de tãctel e uma regata, vou para a sala enquanto desembaraço meu cabelo e aproveito para ligar a TV, já que está quase na hora da novela. No intervalo, preparo um *Miojo* com bastante queijo, encho um copo enorme de *Coca-Cola* e estaciono minha bunda no sofá enquanto degusto minhas iguarias calóricas. Morar sozinha tem suas vantagens e desvantagens, e uma das vantagens é comer o que quer sem que ninguém interfira.

No segundo intervalo, levo minha louça para a cozinha e pego o pote de sorvete que comprei no supermercado, me sento novamente para degustar, até que aparece a propaganda do supermercado da família Albuquerque, e um gosto amargo preenche a minha boca. Era inevitável, me lembrei do embuste do Otávio e tudo o que me fez no Ensino Médio. Pelo que

pude perceber, vão inaugurar um Ponto Azul aqui perto, os preços estarão em conta e é a minha chance de comprar o material que preciso para minhas encomendas e lucrar um pouco mais.

Olho ao redor e fico feliz com o meu cantinho. Consegui deixar com a minha cara e, ainda por cima, com um aluguel que posso pagar, por enquanto. Escovo meus dentes e me aboleto embaixo das cobertas. Meu dia foi cheio e cansativo, amanhã cedo começarei a preparar a encomenda de doces e salgados para D. Cacilda e preciso estar descansada.

Hoje é o dia da inauguração do mercado Ponto Azul e saio de casa munida com minha lista e o cartão de débito. Quando fui dispensada do meu último serviço, guardei a minha indenização para investir em um negócio próprio, mas ainda não sei o que fazer. Já pensei em quentinha, em bolos e salgados, em uma lanchonete, mas ainda não é o que quero. Tenho pensado em algo inovador e diferente e preciso ter muita calma e pesar os prós e contras, afinal, tem muitos empreendedores que fecham seus negócios antes mesmo de completarem um ano e não quero isso para mim.

Entro no supermercado e parece que abriram as portas do curral, cacete! Nunca vi tanta gente assim reunida em um só lugar, quer dizer, já vi, mas eu estava tão bêbada que nem dei importância. Fico esperando um cliente do caixa esvaziar o carrinho para eu pegar e tentar chegar nos itens da minha lista, espero encontrar tudo e economizar uma grana. Olho as coisas e vejo que o sabão em pó está pela metade do preço e acabo pegando uma caixa; o azeite estava numa superpromoção e pego também, já que tenho que fazer os bolinhos de bacalhau do boteco do *Seu Manoel*. Sigo para o corredor do leite condensado e compro dez caixas, já que encontrei uma marca boa a um real e noventa e nove que serve perfeitamente para os doces e recheios; olho atentamente e acabo levando creme de leite, gelatina e pêssego em calda.

Vou até a gôndola dos frios e compro queijo, presunto, requeijão, para os empanados, e como não sou boba nem nada acabo pegando peito de peru, que amo. Vou até a parte de aves e bovinos, vejo que o filé de peito está na promoção e compro para o recheio das coxinhas, rissoles e empadas; por fim, compro carne moída para os kibes e croquetes e iogurte para mim. Olho o carrinho pela metade e acabo rindo, vim comprar meia dúzia de coisas e saio com duas dúzias. Caminho em direção ao caixa, que está com a fila quilométrica, e aguardo me distraindo com o encarte do supermercado.

Organizo minhas compras na esteira e vejo a moça ir batendo item por item, os valores vão crescendo no monitor, olho para as bolsas e, depois, para a mulher que assim que bate o último item me pergunta:

— Dinheiro ou cartão? — Fica esperando, mas olho o valor e tenho vontade de chorar, lá se vão trezentos e cinquenta reais da minha humilde conta.

— Débito. — Entrego o meu cartão e ela aguarda que eu digite a senha.

— Obrigada e volte sempre. Nós, do Ponto Azul, estaremos sempre aqui para servir. — Ergo minha sobancelha e fico louca para gargalhar, mas respeito a pobre moça que até o final do dia estará rouca por repetir essa frase ridícula para cada cliente que passar pelo seu caixa.

Ergo cerca de seis sacolas muito pesadas e apresso meus passos para casa, mas como eu nasci no dia em que um pombo cagou na testa de Judas, assim que passo pelas portas vejo caindo um temporal de verão. Não havia um táxi parado no ponto, ainda aguardei a chegada de um, mas chovia muito e já havia pessoas aguardando na minha frente. Arrio as bolsas no chão e espero passar para seguir para casa.

Retiro meu telefone do bolso e disco para minha irmã, que atende com a voz de sono. Olho no relógio e já são uma hora da tarde e a safada ainda dorme.

— Melinda, já é uma hora da tarde e você ainda está dormindo? — Falo com repreensão na voz.

Melinda é três anos mais nova que eu e tem um ano que se casou com Samuel, seu namorado de adolescência; ambos trabalham com eventos, e como sou uma faz-tudo sempre ajudo nas festas para ganhar uns trocadinhos.

— *A noite foi muito cansativa, Molly, e eu e Samuel fomos dormir às quatro da manhã. Desmontamos tudo e trouxemos para o depósito na garagem de Valquíria.*

— O que o pessoal falou dos meus quitutes? — Pergunto para saber se agradei.

— *Sabe que todos amam o que faz!* — Fala bocejando. — *Vai precisar de mim com as encomendas da dona Cacilda?*

— Acho melhor você descansar, do jeito que está bocejando, corre o risco de dormir em cima das panelas. — Falo rindo.

— *Deixa de ser chata, Molly. Me dê uma hora e chego aí novinha em folha.*

— Tudo bem. — Vejo a chuva estiano. — Estou comprando as coisas, é o tempo de chegar em casa e arrumar a bancada.

— *Vou tomar um banho e me organizar para ir. Beijo na bunda.*

— Beijo na bunda. — A senhora do meu lado me olha de cara feia, mas não me importo.

Eu e Melinda somos muito unidas. Mamãe sempre trabalhou fora e eu quem cuidava da casa e da minha irmã, por isso, temos um amor incondicional uma pela outra; se alguém mexer com uma, mexe com a outra.

Sigo para casa e encontro *Seu* Gomes com seu carrinho de aipim e aproveito para comprar dois quilos, tenho que fazer alguns bolinhos de aipim com carne seca para o bar do *Seu* Joaquim e o aipim do *Seu* Gomes é o melhor.

— Boa tarde, *Seu* Gomes?! — Falo já parando perto do seu carrinho.

— Menina Molly. — Faço cara feia, detesto esse trocadilho. — O de sempre?

— Sim, tenho que fazer o bolinho de aipim do *Seu* Joaquim. — Falo abrindo minha bolsinha de trocados para pagá-lo.

— Seus bolinhos são o céu, Menina. — Amplio meu sorriso, amo saber que as pessoas gostam do que faço. — Outro dia passei no boteco e levei meia dúzia para Tarsila, você sabe que ela está grávida de novo?

— Parabéns, *Seu* Gomes. — Falo com sinceridade.

— Já são três filhos e não sei onde essa menina vai parar, o bom é que pelo menos esse rapaz vai assumir o filho, coisa que o traste do Antônio não fez e, ainda por cima, embuchou Tarsila e caiu no mundo. Amo meus netos, mas estou velho demais para criar crianças.

— Como está sua filha Priscila? — É uma menina muito dedicada aos estudos.

— Terminou o estudo e está procurando um serviço para pagar a faculdade.

— Pede ela para me procurar, *Seu* Gomes. Minha irmã tem um buffet e sempre contrata temporários para festas grandes.

— Vou falar com ela, Molly, e obrigado por ajudar.

— A vida está difícil para todo mundo, *Seu* Gomes, estamos no mesmo barco, e se cada um fizer um pouquinho conseguimos navegar.

— Sábias palavras, Menina. — Me entrega o embrulho e pago.

— Até a próxima, *Seu* Gomes.

— Até, Menina.

Chego em casa colocando os bofes para fora, deixo as sacolas no chão e me esparramo no sofá para recuperar o fôlego. Depois de dez minutos, pego as coisas e levo para a cozinha, começo a organizar tudo para preparar a encomenda, abro meu tablet e seleciono a lista de itens que terei que preparar. Começarei com os pães suíços que servirão de pequenos lanches.

Melinda chega quando estou tirando a primeira fornada de pães do forno e logo rouba um.

— Que cheiro maravilhoso, Molly! Delícia!